

## Cinema e Política ou o 1º de Maio visto por Agnès Varda

Qual é a recordação mais marcante de Maio de 2002? Jean Marie Le Pen na segunda volta das presidenciais francesas? Evidentemente. Mas também o impressionante desfile humano dessa quarta-feira, transmitida em directo nas televisões francesas, algumas tomadas de vista dos helicópteros da perfeitura da polícia, duas ou três reportagens sobre alguns rostos pintalgados, e os comentários do género “heureusement, aucun incident à signaler”. O mesmo é dizer uma vaga rotina para os telejornais das 20 horas preocupadíssimos em não aumentar os medos de um lado e do outro de uma França ainda estupefacta. Para o cinema a história é outra. A irrupção de um acontecimento ao mesmo tempo urbano (cidades pacificamente cercadas) e político (uma massa de corpos e slogans) pôs em questão o seu significado. Com uma alternativa entre pensamento e acção que se pode formular assim: as imagens de cinema do 1º de Maio vão ser as dos arquivos ou as de uma intervenção militante imediata?

Agnès Varda resolveu o problema aliando os dois. Ela que não tinha “nem filmado nem fotografado” uma manifestação pública desde “o desfile pelos mortos de Charonne (há mais de cem anos!)” achou natural “documentar um momento desta amplitude”. E acrescenta: “Não fotografo nem filmo os “acontecimentos”. Este 1º de Maio, manifestei-me com os outros ...e com a minha mini-camera DV.”. Ei-la pois, marchando em Paris” não de um extremo ao outro porque tenho problemas nos pés, mas duas a três horas, nas avenidas Dausmesmil e Diderot. Filmei como pude. Não me lembro de nenhuma cena em particular mas de impressões. Tentei mostrar o bom humor com que todos afirmavam o desgosto pela extrema-direita e pelo seu testa de ferro “LE- FACHO-LE PEN”. Mesmo os que gritavam sorrindo. Fiquei impressionada pelo número de manifestantes, a calma, a incrível determinação gentil de pessoas de todas as classes sociais que estavam na rua. Havia uma verdadeira solidariedade.; homens, mulheres e crianças caminhavam em conjunto comum ritmo cada um ao seu ritmo. O meu método? Claro que não fiz entrevistas, mas filmei o que via, com especial atenção aos slogans: “F como fascista, N como nazi” e “Primeira, segunda, terceira geração, todos somos filhos de emigrantes”. Sou filha de emigrantes gregos, isso toca-me.”

Que fazer destas imagens? Deixá-las numa caixa? Não. Uma feliz coincidência vai fazê-las aparecer como complemento da última longa-metragem de Agnès Varda, “Les glaneurs et la glaneuse”- por cá teve o título de “Os respigadores e a respigadora”; um filme de uma hora, “uma espécie de sequela onde encontro as pessoas dois anos depois, dando notícias suas”, conta ela. “les Glaneurs...” terminava no 1º de maio de 2000. Vendo que se preparava a manifestação de 2002, não o poderia perder. O complemento terminará com imagens inseridas à última hora, por um atraso da montagem, mas muito naturalmente, quase organicamente juntas às outras.

“les Glaneurs et la glaneuse” saíra em DVD em França, esperemos que S. Paulo ( Branco) não demore muito mais a editá-lo por cá.